



## A Representação do Paraguai na Revista Veja<sup>1</sup>

Luciana Pelaes ROSSETTO<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### Resumo

Este trabalho investiga a cobertura jornalística da revista Veja sobre o Paraguai entre janeiro e julho de 2012, ano marcado por conflitos agrários que resultaram na queda do presidente Fernando Lugo. Metodologicamente, a análise quantitativa dos textos permite traçar um panorama para identificar as formas de representação do país na revista. O objetivo é verificar o nível de complexidade dos textos, a partir da hipótese de que navegam pelo universo da simplificação, operando de forma reducionista e reproduzindo estereótipos. Este trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

**Palavras-chave:** complexidade; compreensão; jornalismo; Paraguai; revista Veja.

### Introdução

Não há estatísticas confiáveis sobre o número de brasileiros que vivem no Paraguai. Segundo levantamento realizado em 2012 pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil, há 201.527 “brasiguaios”, mas alguns autores, como Sylvain Souchad (2005, p. 20), estimam a presença de até 500 mil brasileiros no país vizinho,

Os brasileiros imigraram para o Paraguai à procura de terras baratas, a partir da década de 1970, incentivados por planos econômicos do governo do ditador Alfredo Stroessner (1954-1989). Hoje, eles são responsáveis pela produção recorde de grãos do país, especialmente de soja. Mesmo sendo um país pequeno, com uma superfície de 406.575 quilômetros quadrados, Paraguai produziu na safra 2012/2013 mais de 8,10 milhões de toneladas. Desse total, 6,7 milhões de toneladas foram exportadas, tornando o Paraguai também o quarto maior exportador de soja do mundo, atrás de Estados Unidos, Brasil e Argentina, segundo a Capeco.

Apesar do crescimento econômico levado pelos brasileiros ao Paraguai, a presença deles no país é conflituosa. Na região de fronteira, onde estão as melhores terras para agricultura, a quase totalidade dos grandes produtores é de brasileiros. A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, e-mail: [lurossetto@gmail.com](mailto:lurossetto@gmail.com)



ocupação do território por fazendeiros brasileiros provoca a expulsão das comunidades camponesas para as cidades, onde vão habitar periferias e enfrentar o desemprego por conta da falta de qualificação. É comum ocorrerem invasões de fazendas e conflitos diretos entre brasiguaios e paraguaios pela posse das propriedades.

Os movimentos sociais paraguaios apoiaram a eleição de Fernando Lugo, que assumiu o governo em 2008 com a promessa de fazer a reforma agrária. Apesar de abrir um caminho para o diálogo entre governo e movimentos sociais, Lugo pouco conseguiu fazer para resolver o problema da posse de terras. O período na presidência foi marcado por crises em função de conflitos agrários, especialmente no primeiro semestre de 2012.

Lugo sofreu impeachment em 22 de junho de 2012, justamente após um confronto entre policiais e camponeses. Os “carperos”, como são pejorativamente chamados os camponeses por viverem em “carpas” (tendas), ocupavam uma fazenda do empresário paraguaio Blas Riquelme, na cidade de Curuguaty, departamento (estado) de Canindeyú, quando a polícia tentou expulsá-los do local no dia 15 de junho do mesmo ano. A reação armada terminou com 17 mortos, entre policiais e agricultores.

O processo para a retirada de Lugo da presidência do Paraguai foi concluído em dois dias. A votação na Câmara se deu em 21 de junho de 2012, quando até parlamentares integrantes de partidos da coalizão do governo votaram contra o presidente. No dia seguinte, 22 de junho, o Senado julgou o processo de impeachment, que terminou com a decisão pelo afastamento. O vice de Lugo, Federico Franco, assumiu o governo paraguaio no mesmo dia do impeachment e permaneceu na presidência por pouco mais de um ano, quando foi substituído por Horácio Cartes, eleito em abril de 2013. Cartes tomou posse em agosto de 2013.

### **Paraguai nas páginas de Veja**

Para apresentarmos um panorama de como o Paraguai é representado por *Veja*, realizamos o levantamento de tudo o que foi publicado a respeito do país entre 1º de janeiro e 31 de julho de 2012. Fazem parte do conjunto inclusive textos que não possuem o Paraguai como pauta, mas trazem referências ao país. No quadro a seguir, segue o levantamento e classificação de todo o material encontrado na revista *Veja*:

#### **QUADRO 1 – TEXTOS COM REFERÊNCIAS AO PARAGUAI PUBLICADOS PELA REVISTA *VEJA* ENTRE JANEIRO E JULHO DE 2012**



Nr.	Data	Título	Autor	Tipo	Comentários
2279	25/7	O Davi contra o Golias	Duda Teixeira	entrevista	Candidato de oposição da Venezuela, Henrique Capriles, comenta a entrada da Venezuela no Mercosul após a suspensão do Paraguai.
		Leitor	leitores	carta dos leitores	Elogios à coluna de J.R. Guzzo, que criticou o Paraguai e falou da atuação da embaixada brasileira na crise.
2278	18/7	Mas onde foi parar o debate?	André Petry	entrevista	Fernando Henrique Cardoso comenta a atuação da diplomacia brasileira na crise paraguaia.
		Leitor	leitores	carta dos leitores	Elogios à entrevista de Federico Franco, novo presidente paraguaio.
		Panorama: Sobe Desce	não especificado	nota	OEA não considerou golpe a saída de Lugo e rejeitou suspensão do país na entidade. Está como "sobe".
		Fé ao avesso	J.R. Guzzo	artigo	Crítica à maneira como os brasileiros são tratados no Paraguai e a atuação da chancelaria brasileira na crise. O Paraguai é tratado de forma pejorativa.
2277	11/7	A aliança para o atraso	não especificado	editorial	Críticas à atuação da chancelaria brasileira na crise paraguaia.
		Os generais foram fiéis à pátria	Hugo Marques	entrevista	Presidente Federico Franco reclama que a Venezuela tentou dar um golpe para manter Lugo no cargo.
		Leitor	leitores	carta dos leitores	Leitores comentam a suspensão do Paraguai do Mercosul.
		O Mercosul e a Taça Libertadores	Roberto Pompeu de Toledo	artigo	Texto compara a Copa Libertadores com o Mercosul e comenta a saída do Paraguai do bloco.
2276	4/7	Leitor	leitores	carta dos leitores	Leitores comentam o impeachment de Fernando Lugo.
		Quá, quá, quá	Ricardo Setty	nota	Chamada para artigo publicado no site da revista.
		Panorama: Veja Essa	Francisco Dornelles, senador brasileiro	frase	"A Unasul é integrada por presidentes que não respeitam a liberdade de imprensa, o Congresso e o Judiciário".
		Panorama: Veja Essa	Federico Franco, presidente do Paraguai	frase	"Aqui há 500.000 brasileiros e, quando as terras dos brasiguaios eram invadidas, a embaixada brasileira respondia que este é um país autônomo, que eles não poderiam fazer nada."
		O golpe fracassado de Chavez no Paraguai	Duda Teixeira	reportagem	Texto sobre o impeachment, as ações da Venezuela para tentar evitar a saída de Lugo e a atuação da chancelaria brasileira na crise.
2275	27/6	Por la condena	não especificado	notícia	Texto sobre o impeachment afirma que, apesar de rápido, processo aconteceu dentro do que estava previsto na Constituição.



2271	30/5	Barrados na fronteira	Tatiana Gianini	reportagem	Texto sobre o Mercosul, que cita o Paraguai como parte integrante do bloco. A reportagem restringe-se aos acordos comerciais com a Argentina.
2268	9/5	A morte pede passagem	Adriana Dias Lopes	reportagem	Paraguai é citado como líder no número de mortos em acidentes de moto, porém não há detalhes das ocorrências no país.
2267	2/5	As lições das presidentes	Tatiana Gianini	reportagem	Mulheres que são presidentes de empresas e conciliam o trabalho com a família. Paraguai é citado na descrição do cargo de uma personagem.
2258	29/2	Exportação de executivos	Otávio Cabral	nota	Nota sobre brasileira que passou a comandar as operações da GM na Argentina, no Uruguai e no Paraguai.
2256	15/2	Brasileiros na Mira	não especificado	nota	Chamada para o site da revista, onde foi publicada reportagem sobre os brasiguaios que estariam sendo ameaçados por sem-terra paraguaios.
		Imitação paraguaia	Otávio Cabral	nota	Paraguai é tratado de maneira pejorativa. Lugo estaria imitando o governo brasileiro para aprovar um projeto de reeleição.
2254	1/2	Panorama: Datas	não especificado	nota	Divulgação da cura do câncer de Lugo.
		Ricos e ricos	J.R. Guzzo	artigo	Colunista usa o termo "paraguaio" para se referir a um objeto falso.
2252	18/1	Aristocracia das Letras	Jerônimo Teixeira	Outros - crítica literária	Trecho de livro de Machado de Assis, com referências à Guerra do Paraguai.
2250	4/1	La mala suerte	Tatiana Gianini	reportagem	Texto sobre o câncer de Cristina Kirchner, em que Lugo é citado.
		Panorama: Veja Essa	Hugo Chávez, presidente da Venezuela	frase	"Não seria estranho se eles tivessem desenvolvido a tecnologia para induzir o câncer e ninguém soubesse disso até agora".

Veja publicou 27 textos relacionados ao Paraguai. No entanto, percebemos que há inúmeras citações sem relevância, pois quando a pauta é o Paraguai, o número total cai para 17 textos, sendo só uma reportagem. Dos 17 textos que têm o Paraguai como foco principal, só duas notas foram publicadas antes do impeachment, em fevereiro.

Medina (1982, p. 144) percebe que, na rotina da redação, a variedade de assuntos e o tratamento dado a eles nem sempre correspondem ao grau de seriedade e aprofundamento que a situação exige. A pauta é composta frequentemente por uma seleção de assuntos que já foram publicados em outros veículos, não é planejada e pensada levando em consideração somente sua relevância. Um veículo acaba pautando o outro, formando um círculo vicioso fechado e pobre.



A televisão e o rádio se pautam pelos jornais do dia, os jornais se verificam uns aos outros para perceber o que estão dando e o que faltou. A pauta é, então, tomada como unidade de assunto, quase sempre isolada de seu contexto atual e histórico, suas implicações na sociedade (Medina, 1982, p. 144).

A primeira edição de *Veja* em 2012, número 2250 de 4 de janeiro, trouxe duas referências ao Paraguai. A primeira foi uma frase de Hugo Chávez, em que o ele diz que a doença que o atingiu junto com Lula, Dilma, Lugo e Cristina Kirchner poderia ter sido criada por cientistas americanos. Lugo é citado ainda em uma reportagem sobre o câncer de Kirchner. A revista se limita a falar da presidente da Argentina, não há detalhes sobre a saúde de outros chefes de estado.

Uma referência ao Paraguai também aparece na edição 2252, de 18 de janeiro, em uma crítica literária a um livro que traz as correspondências de Machado de Assis. É destacado um trecho em que o escritor fez uma referência à Guerra do Paraguai.

Na edição 2254 de 1º de fevereiro, J.R. Guzzo escreveu uma coluna em que fala sobre ricos e quem apenas tem dinheiro e aparenta ser rico, mas não é. Em determinado ponto, ele afirma que convém ficar atento para não tomar por rico alguém que não seja de verdade: “De qualquer forma, com tanta gente rica na praça, convém ficar atento para não comprar Rolex paraguaio – ou, mais exatamente, para não confundir quem é rico com quem apenas tem dinheiro, o que não é a mesma coisa” (GUZZO, J.R. Ricos e ricos. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, n. 2254, p.106, 1 de fev. 2012).

O artigo traz a expressão amplamente usada no Brasil para se referir a algo falso e sem valor. Guzzo contribuiu para reforçar um estereótipo que os brasileiros possuem sobre o Paraguai. O “paraguaio” é usado como sinônimo de falsificação, de produto de baixa qualidade, para se referir a tudo que é ruim, ilegal, entre outras qualidades não favoráveis. O artigo de Guzzo já mostra como o país e seu povo são tratados muitas vezes por jornalistas que trabalham em grandes veículos da imprensa.

No dia 15 de fevereiro, edição 2256, *Veja* publicou duas notas: “Brasileiros na mira”, sobre a situação dos conflitos de terras entre paraguaios e brasiguaios, e “Imitação Paraguaia”, sobre a tentativa de Lugo de aprovar a reeleição. Foi a primeira vez no ano que a revista se referiu ao Paraguai tendo o país como tema principal. São também as únicas menções tendo o Paraguai como pauta antes da queda de Lugo.

Os brasileiros proprietários de fazendas no leste do Paraguai estão sob ameaça. Cerca de 8.000 carperos – os sem-terra paraguaios – cercam suas propriedades.



A tensão cresceu nas últimas semanas, quando o Exército paraguaio, em simbiose com os carperos, iniciou uma demarcação de terras. Fiel à diplomacia da condescendência adotada desde o governo Lula em relação aos vizinhos, o Itamaraty pouco disse sobre o assunto até agora. A reportagem do site de VEJA esteve na região e mostra quem são os protagonistas do conflito e quais os seus reflexos diplomáticos. (Brasileiros na mira. Veja. São Paulo: Editora Abril, n. 2256, p.8, 15 de fev. 2012)

Na nota, o termo “carpero” é utilizado como sinônimo de sem-terra. No Paraguai, o termo é aplicado como uma forma de desqualificar os camponeses, sendo assim chamados por erguerem “carpas”: tendas, barracas. A revista apresenta os paraguaios como invasores das propriedades de brasileiros, além de acusar o Exército a colaborar com os sem-terra.

A outra nota, “Imitação Paraguuaia”, afirma que Lugo estaria imitando o governo brasileiro, tentando aprovar um projeto que permitiria que o presidente concorresse à reeleição, proibida no Paraguai, nos mesmos moldes da tentativa de Lula de implantar no Brasil a possibilidade da candidatura ao terceiro mandato, também proibido.

O Paraguai é um dos poucos países da América do Sul onde não há reeleição. Por isso, o presidente Fernando Lugo foi pressionado sem sucesso por áulicos a mudar a Constituição e tentar um novo mandato – como aconteceu por aqui com Lula e o terceiro mandato. A semelhança com a política brasileira não para por aí. Lugo escolheu como candidato o ministro da Casa Civil, López Perito, que jamais disputou eleição, como Lula fez com Dilma Rousseff. Em conversa com a colega brasileira, Lugo explicitou que se inspirou em sua trajetória para traçar o roteiro da eleição, que será em 2013. Para a cópia ficar ainda mais fiel à original, ele agora tenta convencer o marqueteiro João Santana a comandar a campanha (CABRAL, Otávio. Imitação Paraguuaia. Veja. São Paulo: Editora Abril, n. 2256, p.44, 15 de fev. 2012)

O termo “Imitação Paraguuaia” não é correto porque a quase totalidade dos produtos falsificados vendidos no Paraguai são na realidade de origem asiática, que de fato as reproduzem e distribuem em escala global. Ainda assim, só transitam pelo território paraguaio tendo outros países e o próprio Brasil como destino final. O Paraguai é um dos países da América do Sul com a menor carga tributária sobre produtos importados. Daí, quase a totalidade dos produtos industrializados vendidos no país é de origem estrangeira. Essa estratégia do Paraguai supre sua carência de industrialização ao mesmo tempo em que o torna um eficiente fornecedor de mercadorias aos países vizinhos e ao mercado brasileiro, que as consome massivamente.

Pela facilidade de acesso dos brasileiros ao Paraguai e pela ineficiência ou corrupção das autoridades alfandegárias de ambos os lados, ele é um dos principais



destinos de contrabandistas brasileiros que o utilizam como fornecedor de produtos importados, desde aqueles de alta qualidade até as mais baratas falsificações, as quais podem ser achadas por preços baixíssimos nos centros comerciais populares brasileiros.

As edições número 2258, 2267, 2268 e 2271 de *Veja* citam o Paraguai, mas o país não é o assunto principal de seus textos. As edições 2272, 2273 e 2274 não trazem qualquer referência ao país. O Paraguai volta a aparecer nas páginas de *Veja* na notícia “Por la condena”, no número 2275 de 27 de junho, que informa o impeachment sofrido por Lugo por “mau desempenho das funções” já na edição seguinte ao julgamento:

Faz parte do jogo democrático ter instrumentos para afastar presidentes incompetentes, criminosos ou corruptos. Fernando Collor teve de deixar o Palácio do Planalto em 1992 após múltiplas acusações de corrupção. Richard Nixon perdeu o posto nos Estados Unidos depois do escândalo da invasão do comitê do Partido Democrata, em 1974. No Paraguai, tudo ocorreu em obediência à Constituição, após uma votação no congresso e outra no Senado. Apenas um deputado e quatro senadores pediram a absolvição de Lugo. No total, 112 parlamentares votaram *por la condena*, pela condenação (Por la condena. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, n. 2275, p.88, 27 de jun. 2012).

A revista informa que o processo foi concluído rapidamente, em apenas dois dias, mas diz que ocorreu dentro das leis paraguaias, obedecendo à Constituição do país. Esse é mais um indicativo do tipo de cobertura feito por *Veja*: quando é contra Lugo, as instituições são sérias e precisam ter a vontade respeitada. Aqui, o Paraguai não é mais sinônimo de coisa ruim, mas um país “do bem”. A notícia traz uma lista de acusações a Lugo, dando a entender que a derrubada do governo foi necessária:

Seu mandato foi marcado pela cumplicidade com as invasões de terras, e pela insegurança jurídica decorrente delas, em um país com uma força policial pífia. A região ao norte foi tomada por terroristas do Exército do Povo Paraguaio (EPP), ligado às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Em todo o território, fazendeiros eram impedidos de semear ou de colher, sob o risco de ser atacados por sem-terra armados. Raras foram as ordens judiciais de reintegração de posse cumpridas. (Por la condena. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, n. 2275, p.88, 27 de jun. 2012).

Não há provas de que Lugo tenha incentivado ou sido cúmplice de invasões de terra, como acusa a revista sem citar nenhuma evidência, mas ele procurava negociar pacificamente com os camponeses e não usar a força armada. A oposição sempre procurou vincular o ex-presidente a movimentos camponeses e inclusive ao Exército do



Povo Paraguai<sup>3</sup>. É feita também uma relação entre o grupo guerrilheiro criminoso, responsável por mortes e sequestros, e os camponeses, que ficam com uma imagem negativa reforçada pela imprensa. A revista afirma que foram raras as ordens judiciais de reintegração de posse cumpridas, no entanto, não informa qualquer estatística que comprove essa lacuna entre a determinação da Justiça e a ação governamental.

Künsch (2008, p.173) ensina que compreender evoca, originalmente, o sentido de juntar, abraçar e integrar, tornando a percepção do mundo em sua heterogeneidade, com as diversas aproximações possíveis, o principal desafio. Ele chama a atenção para dois mais relevantes significados do termo compreensão: “O primeiro é de tipo intelectual, cognitivo, objetivo, enquanto o segundo vê a compreensão em sua relação com a intersubjetividade os vínculos humanos” (KÜNSCH, 2008, p. 188).

Para um pensamento de matriz compreensiva é recomendável renunciar à ideia de verdade e de certeza, conforme ressalta Künsch (2010, p.18), no sentido que esses termos adquiriram na tradição no pensamento ocidental, com menos conclusões e explicações e mais “talvez”, no sentido de busca, de incompletude e de necessidade de diálogo. O autor afirma que nessa tradição ocidental de pensamento, o mundo é explicado, com método, de forma racional e rigorosamente.

O Signo da Compreensão, compreensivamente, não condena nem renuncia a toda explicação. Inclusive porque sem explicações não se vive. Rejeita, isso sim – aliás, como um tributo de respeito ao melhor de todo esforço explicativo –, a vã ideia de que tudo se explica, de que os sentidos se fecham, de que o mundo é, de que a vida é. Nas sendas da compreensão, há lugar também para o inefável, o mistério, as entrelinhas e as dobras que ajudam a tecer e a entretecer os sentidos reais e presumidos das coisas. Há um lugar de honra reservado ao princípio da incerteza (KÜNSCH, 2010, p. 20, grifos do autor).

Como ensina Morin (2003, p. 14), os problemas particulares precisam ser pensados dentro de seus contextos, e o próprio contexto dos problemas deve ser posicionado em um contexto planetário. A questão agrária no Paraguai não pode ser vista isoladamente, pois ela é apenas uma faceta de um problema muito mais profundo, que para ser compreendido deve ser globalizado e ter as causas relacionadas com as questões políticas, econômicas, sociológicas e até psicológicas investigadas. Quando fragmentamos o problema, diminuimos as chances de compreensão e de reflexão. Assim, quanto mais a crise progride e os problemas se tornam planetários, maior a

---

<sup>3</sup> Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP), ou Exército do Povo Paraguai, é um grupo guerrilheiro que se autodenomina marxista-leninista, responsável por mortes e sequestros em território paraguai. É considerado um grupo terrorista pelo governo e, supostamente, seria ligado às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).





incapacidade de pensar o problema. “Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável (MORIN, 2003, p. 14)”.

Na edição de 4 de julho, número 2276, quando a publicação teria mais tempo para investir em abordagens mais profundas sobre o assunto, há a reportagem “O golpe fracassado de Chávez no Paraguai”. É a única reportagem publicada por Veja que tem o Paraguai e a crise de seu governo como assunto principal. Porém, no lugar de ouvir fontes e fazer uma cobertura equilibrada, a revista preocupou-se em criticar a Venezuela, acusada de supostamente incitar militares a evitar a saída de Lugo:

Pode-se criticar a rapidez com que o Congresso paraguaio, com posterior endosso do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral, tirou Lugo do poder. Da acusação à sentença política, tudo ocorreu em apenas dois dias, entre a quinta-feira 21 e a sexta-feira 22. Qualificar o processo como um golpe de estado e afirmar que a situação institucional do Paraguai atualmente não condiz com os padrões democráticos dos vizinhos, contudo, é um descabimento. Faz apenas sentido para quem via em Lugo um aliado – ou seria melhor falar em subalterno? – ideológico. Eis por que quem mais levantou a voz contra a destituição foram o presidente venezuelano Hugo Chávez e seus imitadores da Bolívia, Evo Morales, do Equador, Rafael Correa, e da Argentina, Cristina Kirchner, nenhum dos quais é exatamente um campeão da democracia. (TEIXEIRA, Duda. O golpe fracassado de Chávez no Paraguai. Veja. São Paulo: Editora Abril, n. 2276, p.75, 04 de jul. 2012).

De fato, o governo Lugo tinha um posicionamento de esquerda, mas afirmar que o presidente era um subalterno ou aliado ideológico de Chávez é fazer uma análise precipitada da situação, uma vez que foi a Venezuela quem mais ganhou com a saída do presidente. Com o impeachment e a posterior suspensão do Paraguai no Mercosul, a Venezuela foi aceita no bloco, já que o país era o único contra sua participação. Além disso, a Bolívia e o Equador não eram membros plenos do Mercosul, apenas associados.

Na reportagem, Veja acusa Chávez de enviar representantes para tentar incitar os militares paraguaios a se posicionarem contra o impeachment, informação que teria sido confirmada pela ministra da Defesa do Paraguai na ocasião, Maria Liz Garcia, e outros senadores contrários a Lugo. Antônio Patriota, então ministro de Relações Exteriores do Brasil teria participado das reuniões, mas os assuntos discutidos não foram confirmados pelo Itamaraty. A preocupação é narrar as supostas ameaças feitas pela Venezuela para manter Lugo no cargo e a apatia da chancelaria brasileira, em vez de explicar o que aconteceu, as razões históricas e o desenrolar dos fatos que culminaram na crise:

VEJA conversou com quatro paraguaios que testemunharam a incitação ao golpe. Na sexta-feira 22, de manhã, o ministro das Relações Exteriores da



Venezuela, Nicolás Maduro, com seus quase 2 metros de altura, terno preto e gravata vermelha, entrou no Senado paraguaio liderando os demais chanceleres da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), criada para ser uma Organização dos Estados Americanos (OEA) sem os Estados Unidos. Eles se reuniram com um grupo de legisladores na sala da presidência do Senado, horas antes da apresentação da defesa de Lugo no plenário. Com rispidez, Maduro avisou que, se Lugo fosse destituído naquele dia, o Paraguai seria expulso dos blocos regionais e a Venezuela deixaria de oferecer petróleo ao país. (TEIXEIRA, Duda. O golpe fracassado de Chávez no Paraguai. Veja. São Paulo: Editora Abril, n. 2276, p.76, 04 de jul. 2012).

Em um quadro que compõe a reportagem há a informação de que os brasileiros são vítimas de xenofobia e sofrem ameaças de pistoleiros, terminando com afirmar que se o Brasil não tiver um bom relacionamento com o novo presidente, não conseguirá garantir a segurança desses produtores. Os conflitos existentes na região de fronteira e que envolvem os brasiguaios são motivados por problemas históricos. Estão relacionados com a disputa pela posse da terra, distribuída de forma injusta desde a Guerra contra a Tríplice Aliança e agora reclamada pelos camponeses, que não concordam com a validade dos documentos comprobatórios de propriedade obtidos pelos brasileiros durante a ditadura de Stroessner. Além disso, os brasiguaios não respeitam limites determinados pela lei paraguaia, que proíbe posse de terras por estrangeiros em distância inferior a 50 quilômetros da fronteira. No Brasil, essa distância é de 150 quilômetros. São comuns confrontos armados, onde de um lado há camponeses e, de outro, fazendeiros que se utilizam de seguranças para defender as terras. Há também o apoio policial, quase sempre defendendo latifundiários. Ao utilizar o termo “pistoleiro”, o texto coloca os brasiguaios como vítimas de criminosos e não aborda a realidade conflituosa, complexa e de difícil solução da região.

Mesmo sem provas que pudessem comprovar o relato dos políticos paraguaios, sem ter ouvido o governo venezuelano e apenas com a informação do Itamaraty de que Patriota participou de reuniões, sem ter o assunto discutido divulgado, Veja passa a admitir que realmente aconteceu a tentativa de golpe. A partir deste ponto, todos os textos passam a citar a suposta tentativa de golpe de forma insistente, como se realmente tivesse acontecido, sem a menor sombra de dúvida.

O texto não colabora para dar a dimensão da crise. Conhecimento, de acordo com Morin (2003, p. 24), é um processo circular que passa por uma tradução e reconstrução das representações, das ideias e dos discursos. Para que o problema seja contextualizado, os acontecimentos devem ser pensados globalmente e não podem ser



separados dos contextos culturais, sociais, econômicos, políticos e históricos. Para o autor, é necessário produzir um pensamento “ecologizante”:

Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (MORIN, 2003, p. 25).

Morin (2000, p. 20) ressalta também que não existe conhecimento que não esteja ameaçado pelo risco do erro ou da ilusão em qualquer transmissão de informação ou comunicação de mensagem, porque as pessoas constroem suas percepções baseadas no que os sentidos captam do mundo exterior. Este conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão do mundo e de seus princípios de conhecimento. Daí os numerosos erros de concepção e de ideias que acontecem apesar de nossos controles racionais. A projeção de nossos desejos ou de nossos medos e as perturbações mentais trazidas por nossas emoções multiplicam os riscos de erro.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (MORIN, 2003, p. 51).

Além da reportagem, a edição número 2276 traz cartas de leitores comentando sobre o impeachment. Todas são favoráveis à saída de Lugo. A mesma edição contém ainda duas frases, uma atribuída a Franco, em que o presidente diz que o Brasil respondia que o Paraguai era um país autônomo e não podia intervir quando ocorriam invasões de fazendas de brasiguaios. A legenda da própria revista diz que, com o impeachment, o Brasil agiu de maneira a rechaçar um assunto interno do país. A outra frase foi dita pelo senador Francisco Dorneles, que afirmou que a Unasul possuía entre seus membros presidentes que não respeitam a liberdade de imprensa, o Congresso e o Judiciário. É uma referência à disputa entre o governo argentino e o grupo de comunicação Clarin, acusado de monopólio, que após uma batalha de quatro anos na Justiça foi condenado a se desfazer de rádios e TVs. Também não deixa de ser uma referência a Hugo Chávez, que, além de controlar a informação nos meios de



comunicação, impôs duras medidas a veículos que criticavam o governo, sem contar o controle que exercia no Congresso e no Judiciário venezuelanos.

Na edição de 11 de julho de 2012, número 2277, a revista publicou um editorial intitulado “A aliança para o atraso”, em que critica a atuação da diplomacia brasileira no afastamento de Lugo, classificada de “bizarra reação”. Veja ainda afirma que o Brasil foi mero espectador da tentativa de Chávez de impedir o impeachment – mais uma vez aqui o texto toma como verdade esse relato, sem provas. E afirma ainda que o Mercosul está se tornando uma mera aliança de partidos de esquerda e protecionistas.

Veja também traz uma entrevista com Federico Franco, em que afirma que grande parte da pressão exercida pela Venezuela foi causada porque o Paraguai não aceitava no Mercosul. Há uma incoerência que não foi abordada pelo jornalista, uma vez que o Paraguai de Lugo era contra a entrada da Venezuela no bloco, não há sentido Chávez tentar incitar um golpe para manter esse governante no país. Até porque com a saída de Lugo e o Paraguai suspenso, a Venezuela pôde se tornar parte do Mercosul. Sabendo que está falando a um veículo brasileiro, Franco elogia os brasiguaios e não menciona a possibilidade de dar continuidade às propostas de reforma agrária de Lugo.

Para fechar a edição, Veja publica o artigo de Roberto Pompeu de Toledo intitulado “O Mercosul e a Taça Libertadores”. Ele compara a chegada de representantes de países membros do bloco ao Paraguai com invasões de campo durante um jogo de futebol. As reuniões antes do impeachment são tratadas como tentativas de se impedir o jogo, como quando torcedores arremessam objetos em jogadores.

Em 18 de julho, edição 2278, Veja entrevistou o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele diz que faltou diplomacia brasileira e também de outros países na crise do Paraguai. Ele ainda condenou a entrada da Venezuela do Mercosul. Na seção Panorama: Sobe Desde, a OEA ocupa a primeira posição no “Sobe”. O órgão considerou que não houve golpe no Paraguai e rejeitou a suspensão do país da entidade. Classificar como positiva a decisão da OEA mostra o posicionamento da revista.

O artigo de J.R. Guzzo, ainda na edição 2278 de Veja, trata o Paraguai de forma pejorativa e, muitas vezes, rancorosa. O colunista afirma que o Brasil cede demais às pressões de seus vizinhos e que, no caso do Paraguai, Lugo conseguiu renegociar os contratos sobre Itaipu antes do prazo previsto, causando problemas para os brasileiros:

Esse Lugo, desde que foi eleito, em 2008, só bateu no Brasil. Extorquiu, em desrespeito aos contratos vigentes, um aumento nos dividendos que o Paraguai recebe pela sua sociedade na usina hidrelétrica de Itaipu; Lula aceitou na hora, por achar “justo”, e passou a conta para o contribuinte brasileira. Manteve o Paraguai como grande polo da recepção de carros brasileiros roubados e do contrabando maciço que custa bilhões de reais, todo ano, à Receita Federal do Brasil. Ultimamente vinha hostilizando os brasileiros que compraram terras em áreas do território paraguaio onde jamais se havia plantado um único pé de mandioca – e acabaram transformando o Paraguai, com seu suor e sem ajuda de ninguém, no quarto maior exportador de soja do mundo. (GUZZO, J.R Fé ao Avesso. Veja. São Paulo: Editora Abril, n. 2278, p.122, 18 de jul. 2012).

Guzzo desconhece o contrato firmado entre os dois países em relação à Itaipu, que foi extremamente desfavorável, para não dizer injusto, para o Paraguai. A energia que caberia ao Paraguai é vendida abaixo do preço de mercado internacional ao Brasil, houve apenas um reajuste desse valor durante o governo Lula. O colunista ainda culpa o Paraguai pela recepção de carros roubados e pelo contrabando, sem ponderar que a falta de segurança e fiscalização na fronteira do lado brasileiro são em parte problemas do próprio Brasil, que não evita a corrupção dos agentes e não aplica medidas para reduzir o problema da criminalidade.

### **Considerações Finais**

O Paraguai aparece em referências generalistas e somente em duas notas foi pauta principal de Veja antes do impeachment de Lugo. Isso mostra a ausência de interesse em fazer uma cobertura relevante sobre os fatos do país e o desconhecimento da crise do governo, que se arrastava desde que Lugo assumiu em 2008. A semanal produziu conteúdo relevante sobre a crise paraguaia somente após o impeachment e, em razão do desconhecimento das origens históricas dos problemas, os textos contêm uma série de erros de avaliação e informações questionáveis tidas como verdade absoluta. A ausência de referências anteriores ao Paraguai não deixa de transmitir uma mensagem: a de que os problemas que ocorrem em um país vizinho e com nossos compatriotas têm, muitas vezes, menos relevância do que conflitos que acontecem em outros continentes.

A cobertura não assume uma postura de compreensão diante dos diversos atores que compõem a questão agrária e que foi usada como pretexto para a deposição do presidente. Os textos ignoram as ligações de causa e efeito de eventos aparentemente diferentes, mas que possuem múltiplas conexões. Desse modo, a cobertura jornalística deixa de cumprir a missão de auxiliar o público a compreender de forma ampla o que acontece no mundo e se limita apenas a narrar fatos, sem buscar contextualizá-los.



Além da superficialidade, podemos notar títulos e textos sensacionalistas, carregados de preconceito e arrogância contra os paraguaios. A complexidade da realidade da questão agrária é reduzida a versões ingênuas e visões maniqueístas, de brasileiros trabalhadores, do bem, que levam o progresso, e de camponeses paraguaios, do mal, que fazem arruaça e querem a propriedade privada. A cobertura ficou reduzida às aparências, incapaz de considerar a essência dos fatos e suas origens históricas.

Nas reportagens, não houve profundidade na busca por fontes e por personagens que pudessem falar de diferentes aspectos da questão. A abordagem superficial da cobertura jornalística, que trata o assunto de forma reducionista, não mostra a complexidade das relações existentes na região. Para trazer a real dimensão do problema, os textos deveriam fazer uma abordagem profunda e imparcial, menos preocupada em apontar culpados e inocentes. Seria necessário buscar em outras fontes conceitos para ampliar os horizontes sobre os princípios psicológicos, sociais e legais que regem as disputas.

O poderio econômico levado pelos brasileiros é considerado como um fator positivo, entretanto, impôs às populações camponesas toda sorte de humilhações, como ver as terras servindo de fonte de riqueza para outros povos, a impotência de permanecer no local de origem, o estigma de serem consideradas inferiores, entre outros aspectos. Falta aos jornalistas de modo geral esquecer a influência cultural e o estereótipo negativo que nós próprios criamos sobre o Paraguai e se colocar no lugar do outro, enxergar esse outro como igual, assumindo uma postura compreensiva e menos reducionista. Também falta compreender a cultura camponesa, que não encontra similar no Brasil, e se baseia em uma exploração diferente da terra e dos recursos naturais. Além dos objetivos econômicos, pois dela sobrevivem, há também outros aspectos ligados à terra até mais importantes para essas populações, como o social e cultural.

Ao qualificar os brasileiros como responsáveis pelo crescimento da economia, não se mencionou que o Paraguai é um dos países mais pobres da América do Sul. Mesmo com números positivos em relação à exportação de commodities, a distribuição de renda não existe e a riqueza fica concentrada nas mãos dos grandes proprietários. Resta a esperança de, no futuro, os jornalistas conseguirem ter um pensamento complexo, que não fragmenta a realidade para compreendê-la. Mas, como diz Morin, consigam perceber a interdependência de todos os elementos que compõem a questão.



## REFERÊNCIAS

KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_. Teoria compreensiva da comunicação. IN: KÜNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de (Org.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?**. São Paulo: Plêiade, 2008.

\_\_\_\_\_. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. IN: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, Luís Mauro Sá (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação & identidade: quem você pensa que é?** 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre : Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUCHAUD, Sylvain. Dinámica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: una organización del territorio al estilo brasileño in: FOGEL, Ramon; RIQUELME, Marcial (Comp.). **Enclave sojero, merma de soberanía y pobreza**. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios., 2005

### *Documentos:*

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Diplomacia Consular, 2007 a 2012**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/diplomacia-consular-2007-a-2012-final.pdf>>. Acesso em: 8 dez.2013.

BRASIL. LEI Nº 6.634: Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970, e dá outras providências. Brasília, 2 mai. 1979. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6634.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6634.htm)> Acesso em 2 nov. 2013.

CAMARA PARAGUAYA DE EXPORTADORES Y COMERCIALIZADORES DE CEREALES Y OLEAGINOSAS. **Estadísticas: Principales Exportadores Mundiales de Soja**. Disponível em <<http://www.tera.com.py/capeco/index.php?id=ranking-mundial>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

PARAGUAY. LEY Nº 2532: que establece la zona de seguridad fronteriza de la republica del Paraguay. Poder Legislativo. Asunción. 9 dez. 2004. Disponível em < <http://paraguay.justia.com/nacionales/leyes/ley-2532-feb-17-2005/gdoc/>> Acesso em 2 nov. 2013